

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO



Officina de impressão

R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista



Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

Numero 125

Assinaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º ANNO

A QUESTÃO CLERICAL

Está sempre na ordem do dia, porque é a grande questão n'este paiz. Ou se resolve no sentido da emancipação das consciencias, da libertação do jugo que ha seculos pésa sobre este paiz, esmagando-o, ou Portugal ficará sem reabilitação, sem futuro.

É uma questão de vida ou de morte. É a nossa questão capital. É a questão capital em todos os povos da raça latina. Na Italia, na Hespanha, em Portugal, na França, é ponto já hoje incontrouverso para toda a sciencia que essas nações succumbirão na concorrência civilisadora e progressiva se o clericalismo, que as tem dominado, não fór, por sua vez, dominado e vencido.

Ditas coizas são urgentes, entre nós: diminuir rapidamente e largamente o analfabetismo é tirar toda a influencia á Igreja. Sem isto, Portugal será o que é e o que tem sido.

A Igreja está forte e está insolente. Está forte, não pela força d'ella, que é pequena, mas pela fraqueza dos outros, que é enorme. A opinião de todas as cidades do paiz é hostil ao clericalismo. Nas proprias villas e aldeias, o padre, tem muito menos influencia do que se julga. N'uma ou n'outra provincia, é n'uma ou n'outra freguezia, ainda o padre será um árbitro. Mas na maioria do paiz, não. Na grande maioria, a opinião das cidades, que é a mais intelligente, que é a opinião decisiva n'um paiz, essa é-lhe completamente hostil. D'onde vem então a força do clero? Vem das conivencias com as altas damas, principalmente, e da miseravel especulação dos dois partidos monarchicos, também.

Ha damas influentes que querem que os bispos ponham e disponham. As altas regiões governativas submettem-se humildemente á vontade d'essas damas. E o paiz fica á mercê.

Triste coisa! Mas assim é. Por outro lado, onde o partido progressista precisa dos padres, o partido progressista aproveita-se dos padres e dá-lhes concessões. O partido regenerador faz a mesma coisa. O partido francaceo peor. E n'estes partidos são os liberais que sacrificam as suas opiniões, como sempre, ás suas conveniencias de momento. De forma que razão temos nós para afirmar que a Igreja está forte, não pela força d'ella, mas pela fraqueza deploravel dos seus adversarios.

Forte e insolente. A insolencia é quasi sempre uma consequencia da força. Insolente como se viu agora, como se está vendo ainda na questão de Lamego.

Ora isto não pôde ser. Não pôde ser pelo menos sem protesto energico de todos aquelles que teem convicções, que teem caracter.

Ha tempos que razões varias, —outros assumptos, outros trabalhos que reclamavam a nossa attenção—nos fizeram interromper estes artigos. Vamos continuá-los, certo de que prestariamos com isso um serviço importante de propaganda, dentro da questão do dia, demais a mais, porque a questão clerical é e será sempre, affirmá-lo hemos sempre, a grande questão palpitante em toda a Europa latina.

MOTTA PREGO

Parte por estes dias para Lisboa, onde vae tomar assento na camara dos deputados, o sr. conselheiro Motta Prego, illustre governador civil do districto. S. ex.^a tem andado a fazer as suas despedidas.

O districto perde um funcionario prestimoso, que pelo seu bello caracter e trato llano que soube conquistar grandes sympathias durante a sua administração.

O districto e a cidade deve-lhe muito, pois s. ex.^a conseguiu bastantes melhoramentos de alta importancia capital que já mais se esquecerão.

O CABECINHA

Accacio diz que é modesto. Ha de perdoar. Accacio é simplesmente idiota. E como idiota é uma diatriba, como todos os do grande exercito de illustres filhos da p... (1) precisam de nome de guerra, em vez de idiota chamar-lhe-hemos o Cabecinha.

O Accacio fica sendo o Cabecinha.

E fica bem.

O Antonio Sachristão

Morreu na terça-feira no hospital d'esta cidade este popular velho, conhecido pelo nome de Antonio Sachristão.

Contava 97 annos de idade. Que descance em paz.

O Progresso de Aveiro diz que toda a questão do regimento girou em volta da vontade do sr. José Luciano, mas que o chefe do partido progressista amoldou sempre aquella vontade áquillo que lhe pareceu ser o desejo e o interesse de Aveiro.

(1) p... é patria. Só são filhos da p... os illustres. E illustres são elles e só elles, com idiotas e tudo.

Estamos na mesma. N'esse caso, que é aliás verdadeiro, resolveria a questão quem melhor soubesse dispôr e guiar a opinião publica.

Este é o grande facto.

Mas, assentes n'isso, fiquem lá os senhores com as glorias todas que, para nós, é o mesmo.

Já o dissémos. E repetimos.

Quanto mais glorias os senhores tivérem mais ficam os francaceos com o rabo trilhado.

E, por esta vez, o que nós quizémos foi que elles ficassem com o rabo trilhado, e bem trilhado, para não serem asnos.

Cantem glorias, cantem. Estão no seu jogo e no seu papel. E ainda teem a vantagem de não nos desagradar.

Andae lá, andae lá!

O INVERNO

Tem feito um temporal desabrido como não ha memoria ha muitos annos. O frio tem sido de gelar; chuvas copiosas que não nos deixam pôr pé na rua. As ruas tem estado quasi intransitaveis, tal é a quantidade de lama que vae por ellas fóra.

O Cabecinha diz que não é propriamente da Hespanha que nos ha de vir o mal.

Pois não. Da Hespanha só nos pôde vir a guerra. E a guerra, sendo um mal em absoluto, chega a ser uma ventura comparada com tanto cabecinha que ha por esse paiz fóra.

Não é propriamente da Hespanha que nos ha de vir o mal, não. Nunca foi. O grande mal veio nos sempre dos idiotas, dos imbecis, dos basbaques, que o Cabecinha de Vermelho synthetisa admiravelmente.

Esse foi sempre, e é ha de ser o grande mal d'este paiz.

Dr. Affonso Costa

Refrem-se os correspondentes dos jornaes do Porto e Lisboa á maneira brillantissima como o sr. dr. Affonso Costa defendeu em Guimarães o supposto assassino de Francisco Agra, que foi absolvido. Todos são unanimes em tecer os mais levantados elogios ao talentoso advogado e distincto lente de Direito.

Imperador do Japão

Quando o imperador do Japão foi ha pouco assistir á abertura do parlamento, um desconhecido disparou contra elle um tiro de revolver que o não attingiu.

O criminoso conseguiu escapar-se á policia, mercê da enorme confusão que se levantou.

Cartas d'Algures

27 DE DEZEMBRO.

Já passou a azafama das questões locais, em que esse periodico se envolveu. Chegou novamente o ensejo de eu voltar ás minhas cartas, isto é, ás minhas *catarrices*.

Para os leitores da localidade são de grande interesse os assumptos da terra e o Povo de Aveiro faz muito bem, por todos os titulos, em os tratar, principalmente sob o ponto de vista superior com que os encara. O Povo de Aveiro, mesmo quando defende os interesses locais, defende antes de tudo a liberdade e a justiça. Não ha duvida que o partido chamado francaceo é hoje o mais reaccionario dos partidos monarchicos portuguezes, no geral, e ali em Aveiro em particular. A apresentação da candidatura d'esse homem, que o Povo de Aveiro baptizou pittorescamente com o nome expressivo de Carranca, não deixava duvidas a tal respeito.

Carranca, que foi em tempos republicano, não escondia, ha muito, as suas opiniões reaccionarias, antes fazia gala d'essas opiniões em todos os centros concorridos da terra, não perdendo, até, occasião de offender os democratas, offensas que passaram, ultimamente, do dominio das palestras para o campo dos actos publicos, quando prohibiu, como reitor do lyceu, na estação do caminho de ferro, que os estudantes dessem vivas á liberdade, prohibição que estes não acataram no geral, diga-se para honra sua, e quando condemnou o Povo de Aveiro n'um processo de liberdade de consciencia, onde era tamanha a justiça a favor d'esse semanario que trez juizes da Relação do Porto, onde domina o elemento conservador, o absolveram por unanimidade.

Depois d'estes dois factos, principalmente, nenhum republicano d'essa terra, digno de tal nome, podia ou devia apoiar o partido que se ligava com tal homem para o elevar á presidencia da camara municipal. Pois apoiavam-no! Apoiavam-no calorosamente. Houve pulhas que chegaram a isso. Lembra-mos de Lagos a ameaçar a monarchia de que se declaram republicanos se lhes tirarem de lá o regimento de infantaria 15!

Ignobeis pulhas, que tão infamemente especulam com os principios.

Todo aquelle que, dizendo-se republicano, se faz monarchico para obter qualquer concessão material, para si ou para a terra a que pertence, ou que faz politica reaccionaria em nome de supostos interesses ou conveniencias locais, é simplesmente um pulha. Não tem outro nome. E d'esses pulhas ha-os em Aveiro de marca maior.

O Povo de Aveiro cumpriu simplesmente o seu dever.

Desde que Luiz de Magalhães proferiu na estação de Campanhã, contra a memoria de seu pae, as palavras que eu proprio commentei n'uma carta que, felizmente, correu o paiz todo, nenhum liberal d'essa terra pôde estar, dignamente em relação ou principios,

onde estiver Luiz de Magalhães. Ora Luiz de Magalhães é o companheiro inseparavel de Jayme de Magalhães Lima, com quem faz politica geral e local. Todo o mundo sabe ali que Jayme de Magalhães Lima pensa o que pensa Luiz de Magalhães. Ninguém ignora que tão reaccionario é Jayme de Magalhães e tanto que não quiz associar-se de forma nenhuma á criação da Liga Liberal em Aveiro, apesar de ser gente sua que tomou, com intenções reservadas como o tempo provou, a iniciativa da constituição d'essa Liga, que nunca mais deu signal de si.

Todos estes factos eram de natureza a pôr de prevenção os verdadeiros democratas. Mas, não bastando elles, surgiu a candidatura do Carranca para tirar todas as duvidas.

Pois nem assim alguns pulhas que se dizem ali republicanos se resolveram a combater a politica francacea, a retrahir-se ao menos, a aconselhar outro caminho ao sr. Jayme Lima, sequer.

Fez, portanto, muito bem o Povo de Aveiro em suspender a espada da justiça sobre a cabeça d'esses pulhas e em dar nos francaceos o grande codilho que todos já conhecem.

Desde que o sr. José Luciano não queria impôr ao ministro da guerra a sua vontade, deixando que a opinião aveirense se manifestasse livremente, o Povo de Aveiro tornou-se o árbitro da questão do regimento, questão que se decidia para o lado para onde elle se inclinasse. Sobre isto já não ha duvidas no espirito de ninguém.

O Povo de Aveiro inclinou-se para o lado da infantaria e com isso não serviu só os interesses locais, não favoreceu unicamente os superiores interesses da defesa do paiz, serviu também a causa da democracia, castigando os seus inimigos e diminuindo-lhes o prestigio e a força.

Foi uma questão cheia, interessante, por isso mesmo, não só a Aveiro como a toda a democracia portugueza. Os leitores de fóra de Aveiro talvez não prestassem attenção a este facto. Pois mereceu-o, visto exprimir a unica maneira decorosa de se defenderem interesses locais. Calcar os principios em nome de conveniencias particulares, é tão ignobil quando se trata d'uma pessoa só, como de muitas. Em Aveiro nunca esse caso se deu connosco, nem dará. Temos muitas vezes defendido os interesses da terra sem deixarmos, com isso, de defender os interesses da democracia.

Os pobres populares, cuja sorte ninguém attende, tinham toda a vantagem na substituição do regimento de cavallaria pelo de infantaria. A terra, materialmente, também ganhava com isso. Veio até a ganhar immenso com as consequencias que advieram da troca do regimento. Estrategicamente, o logar da cavallaria era na fronteira, para onde foi. Mas, democraticamente, tudo isso se conjugava com a necessidade de abater um grupo reaccionario, o grupo de Luiz de Magalhães, do filho de José Estevão que não respeita as sagradas tradições de seu pae, o grupo que queria elevar á presidencia da ca-

para municipal o homem que, depois de ter sido republicano, condemnou um semanario republicano pelo direito de livre critica que tem exercido sobre a religião catholica, o grupo onde militam meia duzia de patifes, que sancionam e applaudem todas essas patifarias dizendo-se ainda republicanos.

Como veem todos os leitores, a campanha do Povo de Aveiro foi uma campanha democratica, com que muito se deve honrar o nosso semanario. Quando d'ahi não advenham resultados beneficos no futuro, ao menos fica a democracia com a consolidação de que não recebe em Aveiro impunemente os pontapés que vai recebendo em todo o paiz. Aqui, quem as fizer, paga-as. E pagava-as em todo o paiz, se por todo o paiz houvesse quem soubesse tirar partido a tempo das oportunidades e das circumstancias. Mettidos de primeiro aos partidos monarchicos, cheios de dissentimentos e de ambições em todas as localidades, muito podem fazer os republicanos, pelo menos fazer-se temer e respeitar, quando não sejam d'uns nem de outros, quando não se deixem absorver por este ou por aquelle, quando não sejam arrastados por esta ou por aquella sympathia, quando se não bandeiam ignobilmente, mas sim quando, sobrepondo-se a todos, os deixem á vontade quando a democracia não imponha qualquer intervenção, e intervindo a sério quando seja necessario servir a democracia, isto é a liberdade, a verdade e a justiça.

Fizessem assim, por toda a parte, todos os republicanos, fizessem-no com habilidade e o partido republicano seria uma verdadeira força.

Mas como uns se não querem incomodar, como outros não tem sinceridade, e como os restantes não tem geito para coisa nenhuma, o partido republicano é, no fim de contas, um valor quasi perdido.

E no proximo numero continuaremos então com as nossas velhas *catuarrices*.

A. B.

O Cabecinha diz que não tem a vaidade de pretender escrever alguns dos artigos mais suggestivos da sua vida de *luctador*.

De *borrador*, Cabecinha, de *borrador*.

Tratando-se de Cabecinha é *borrador* que se diz!

Enfermos

Apezar de terem experimentado já algumas melhoras dos seus padecimentos, ainda guardam o leito os nossos amigos Manuel Gonçalves Netto e Manuel Gonçalves Moreira.

Que se restabeleçam o mais depressa possível é o que sinceramente desejamos.

(117) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXXIV

—Tyranho voluvel! Murmurou De Bracy depois de sair da presença do principe, desgraçado de quem se fiar em ti! Teu chanceler!... pois sim! Aquelle que tiver de guardar a tua consciencia não ha-de ter um cargo muito facil, creio bem. Mas grande marechal da Inglaterra! isso, disse elle estendendo o braço como que para pegar no bastão do commando e percorrendo a ante-câmara com passos solemnes,—isso é com cer-

O NATAL

Como o S. João, o Natal é das festas mais queridas do povo, das que mais intima e directamente lhe despertam o sentimentalismo.

Festa da luz, traz ao coração humano um mystico enthusiasmo que se expande e comunica docemente n'uma manifestação cultural que não lhe desmente a origem.

Vivendo primeiramente da caça e do pastoreio, o homem passou a ter vida mais sedentária cultivando a terra. A esta mudança de vida correspondeu uma transformação religiosa. De adorarem a Lua, passaram a adorar o Sol. A Lua era a rainha da noite, e as trévas povoadas de espiritos maléficos. A luz do Sol, banhando os campos e enchendo os espaços, dissipa as trévas, desvanece receios, e faz germinar as sementeiras. O medo ceden então o lugar á piedade, e o Sol foi consagrado.

Nas mythologias mais antigas se encontra esta consagração da luz nos solstícios. O Natal é a sua consagração no solsticio do inverno. Kka-nu-ka ou festa das luzes lhe chamavam os proprios judeus.

O christianismo deu a esta celebração um caracter differente, quizá mais humano e sentimentalista, mas não conseguiu occultar-lhe a origem astral.

Mas isso pouco ou nada faz ao caso. Que discutam os mythologos estas questões, e os nossos leitores que tenham muito boas-festas e um anno cheio de felicidades.

Cabecinha diz que então parece provavel uma invasão repentina, ramificado como está o nosso corpo diplomatico, não só por toda a Hespanha mas por todo o mundo culto. E admittindo mesmo qualquer traição, descuido ou atropello violento do direito internacional, seria a cavallaria que temos na fronteira um elemento efficaz da nossa defesa?

Isto é a imbecilidade mais chapada que se pôde imaginar. Mais não diremos. Deve regular pelo doutor Moliço, pelo doutor Muleta e quejandos. Quem está um pouquinho acima, por ora, é o Reles de Meirelles, ainda assim.

Então com que o nosso corpo diplomatico ramificado por todo o mundo culto é um valor militar, não é verdade Cabecinha?

Livra-nos d'uma invasão repentina, basbaque?

E admittindo traição, descuido ou atropello violento do direito internacional...

Mas quem tem a responsabilidade d'isto somos nós, no fim de contas.

Cabecinha não tem culpa nenhuma de ter nascido idiota. Como idio-

ta pôde ser até muito boa pessoa e cidadão muito util para varios mistérios. O que elle não pôde, o que elle não deve, e não lh'o deviamos ter consentido desde o principio, é abrir a bocca para falar, ou pegar na pena para escrever.

Cada um é para o que é. Cabecinha é para estar calado. Cabecinha pôde figurar n'uma galeria reservada, n'uma colleção de figuras de cera, pôde atravessar o palco dos franciscos como figura symbolica, mas calado, calado, sempre calado, e o caso dever, por amor da arte, por dignidade profissional, por respeito das letras e dos créditos do paiz, era dar-lhe patada e gritar-lhe, de rijo: *cale a bocca*, todas as vezes que denunciasse o proposito de a abrir.

Cabecinha é idiota mas não sabe que é idiota. Não se conhece. Julgase um homem de letras. E' um patetinha. Mas não tem culpa d'isso, com seus centos diabos. Quem a tem somos nós e d'isso nos penitenciamos publicamente.

Deixá-lo á solta e eis o estado, a que o basbaque chegou. Em meia duzia de linhas demonstrou a mais completa imbecilidade, em assumpto já tratado, já esclarecido, que é o mais importante.

Arrr, que é idiotismo de mais. Os conflictos entre as nações surgem d'un momento para o outro, seu palerminha. Resolvem-se em poucos dias, seu basbaque. Se vêemta resolver-se pela guerra, a guerra é imediata. Cabecinha, e o mais que a diplomacia pôde fazer é dilatar por meia duzia de dias o desenlace fatal para que as nações antagonistas deem a ultima demão nos seus preparativos de guerra, isso no caso d'ambas terem esta necessidade, porque basta só que uma a não tenha para que essa precipite os acontecimentos no seu proprio interesse.

E' d'isto que se trata, seu idiotinha. A que vem cá o nosso corpo diplomatico ramificado por toda a Hespanha e por todo o mundo culto, a traição, o descuido ou atropello violento do direito internacional?

Que idéa fará este Cabecinha de uma guerra entre duas nações? Surge um conflicto. Se o conflicto degenera em guerra, a ruptura de hostilidades é precedida da respectiva declaração. Não se parte d'outra hypothese. Não se admite o contrario. E, então, nem é precisa a vigilancia do corpo diplomatico para nos prevenir da traição, nem é indispensavel admittir o caso do descuido e do atropello violento do direito internacional.

Declarada a guerra, as hostilidades começam sem demora. E quem melhor as ha-de jogar é quem melhor as tiver armado e preparado a tempo.

Se a cavallaria estiver em Aveiro a fazer estrume para o basbaque de Verdemilho, e se a cavallaria hespanhola estiver, de longa data, aquartelada na fronteira, claro é que quando o basbaque se quizer prevenir já ha-de ter no rabo os pontapés que merece pela sua imbecilidade.

Mas não é da Hespanha que nos ha-de vir o mal. Pois não. E' de Verdemilho e de Gafanha. Se a Hespanha fór attrahida á alliança franco-russa, e n'isso se trabalha, claro é que n'uma conflagração, em que esteja a Inglaterra com Portugal e qualquer outro paiz d'un lado, é a França, Russia e Hespanha, sós ou com a Italia, ou

habituação a seguir a pista dos ladões do Tyne e do Teviot, como o sabujo segue o rasto d'um game ferido. O outro é natural do Yorkshíre e muitas vezes tem disparado o arco nos alegres bosques de Sherwood; conhece todas as clareiras e valles, moitas e florestas que ha d'aqui a Richmond.

—Está bem, disse o principe Waldemar vae com elles?

—Immediatamente, respondeu Bardon.

—Que escolta leva? perguntou o principe negligentemente.

—Vão com elle o gordo Thorresby, Wetheral, chamado pela sua crueldade 'Estevão Coração d'ago, e tres homens d'armas do norte que pertenciam ao bando de Ralph Middleton e a quem dão o nome de *lanças de Spyinghow*.

—Está bem, disse o principe. E

depois de um momento de pausa acrescentou:—Bardon, importa ao nosso serviço que exerças estricte vigilancia sobre Mauricio de Bracy, mas de modo que elle não dê por isso; e virás de tempos a tempos dar-me conta dos seus passos, das suas conversas e dos seus projectos. Toma bem nota d'esta ordem; terás que me responder por ella.

Hugo Bardon fez uma reverencia e retirou-se.

—Se Mauricio me trahir, disse o principe, se elle me trahir, como as suas manieiras me fazem recear, mando-lhe cortar a cabeça, ainda mesmo que Ricardo esteja ás portas de York lançando raios e coriscos.

—Tornemos agora a Isaac de York.

Montado sobre uma mula, com que Locksley o tinha presenteado, e acompanhado de dois altos *yeomen* que lhe serviam de guarda e de guia, o judeu encaminhara-se para o commendado de Templestowe, na intenção de negociar o resgate de sua filha.

Excitar o tigre dos desertos da Heremia ou disputar a preza ao leão esfomeado é menos perigoso do que aticar o fogo mal extinto do barbaro fanatismo.

ANONYMO.

(Continua.)

com outra nação, seja qual for, do outro lado, Portugal fica aqui esquecidinho, abandonadinho a um canto, para a Inglaterra operar á vontade, ou se as nações inimigas tentarem occupá-lo claro é que abandonam a invasão por terra para nos invadirem por mar, por isso que é indispensavel dar esse gosto á Inglaterra, que tem então facilidade em os esmagar, fazer a vontade ao imbecil de Verdemilho e gastar uma pipa de vinho ao Arthur Paes e á viuva do João Gafanhão, molhando a palavra aos soldados invasores que forcarem com os seus contraçados a barra de Aveiro ou que os encostarem á Costa Nova e S. Jacintho.

Ora você não se ha de convencer, seu idiota, que faz uma triste figura sempre que abre a bocca, e que o seu verdadeiro lugar é em galeria reservada, como já lhe dissémos, mostrando os dois tremoços seccos que a natureza irrisoriamente lhe deu, nem outra coisa é admissivel n'esse conjuato de basbaque, em que tudo é bolorento, ou secco e mirrado?

Que grande palermasinha!

Musica no jardim

Se o tempo o permittir, toca hoje da 1 ás 3 da tarde, no jardim publico, a banda do Regimento de Infantaria 24.

A REACÇÃO CLERICAL

Não somos nós, os liberaes, que sahimos ao encontro da reacção. Não somos nós que vamos arrastar para a rua os seus personagens, não somos nós quem esfarrapa a mascara, serena e doce, dos seus proselitos. E' ella que, a todos os momentos, nos sahe a caminho, provocando-nos e injuriando-nos. Dá-lhes o governo, aos elementos clericais, dinheiro para os seus seminarios, o Estado subsidio para as suas Sés, o thesouro dinheiro para as suas despesas; e elles, em vez de mansos e agradecidos, erguem-se a todos os momentos, de repellão, e aggridem os que os sustentam e os defendem! A mitra d'alguns bispos é o seu estandarte de revolta. Ha baculos de prelados convertidos em cajados de aggressão. E o partido reaccionario, que seria esfarrapado se não fossem as espingardas da tropa e os sabres dos soldados, que vive unicamente da protecção d'esses governos que insulta e d'esse Estado que pretende dominar, não reconhece a sua fraqueza e, dia á dia, procura ferir no coração esses que lhe defendem, em nome da liberdade, a existencia, a conservação! A paciencia exgota-se. Sustentar ingratições e defender criminosos de pertinaz consoiração não pôde, nem deve ser, o officio do Estado. Quer o clero reaccionario viver em absoluta independencia? Pois bem! Quebrem-se então as relações da Igreja e do Estado. Viva ella de per si. Bispos, sustente-os quem os quer! Parochos, medrem do rendimento dos parochianos affeicados. Seminarios,

existam só com o subsidio dos devotos. Esta é a logica. Emquanto assim não for, emquanto houver uma igreja assalariada e estipiendiada, paga por nós todos, pobres e ricos, sustentada pelos nossos bolsos, as mitras não podem erguer-se ameaçadoras, e as bocas dos padres reaccionarios soltar injurias e mentiras! A situação é esta.

O caso de Lamego é significativo. Não pôde avaliar-se por elle o clero portuguez. O baixo clero sobretudo, o padre das nossas aldeias, o pastor das nossas terras humildes, é bom como leal e bom filho do povo. Mas os tonsurados que medram nos altos cargos, nem todos tem o mesmo bom senso affavel, o mesmo affecto á sua terra, o mesmo olhar carinhoso para este pedaço de solo que se chama a terra abençoada de Portugal. Os seus olhos voltam-se mais para Roma, e os seus corações ardem em todos os arrebatamentos do fanatismo. Querem imperar e mandar! O rei, a seus pés; os ministros, simples comparsas; o exercito, para sustentaculo das suas prebendas; todo um paiz curvado ás ordens emanadas dos conventos disfarçados em associações d'outra ordem! O confessor, o director espiritual das familias, transformado no poder occulto que domina, escondido, os negocios publicos. Eis o que se pretende! Isso, não. Antes a demagogia, com todas as suas vermelhas violencias, do que esse imperio sinistro de saias clericais! Tudo no mundo, menos isso. Todas as resistencias contra semelhante tentativa são justas; seja como for, e por que armas for, deve destruir-se a obra e ferir-se de morte os seus agentes. Sem dó, nem piedade. Não é catholicismo, que esse amamol-nos, a religião d'essa gente: é o fanatismo, para se locupletarem e imperarem. São as familias exploradas por um bando impiedoso e soffrego. Não ha-de a nossa voz calar-se diante das suas audacias. Amamos-vos e queremos-vos, bons padres catholicos, filhos do povo, elementos de ordem e de civilização, pacientes e soffredores como a raça humilde e forte d'onde vindes; vós intendeis a caridade, o amor da patria, a abnegação, e comprehendes a doutrina de Jesus! Amamos-vos nas vossas festas na pequenina igreja, nas vossas procissões ao bom sol de Deus, nos vossos presbiterios simples onde mora a virtude e a bondade. Mas, aos bispos que nos arremessam a mitra ao peito, que nos jogam o baculo como cajado, que acalentam nos seus passos a reacção, aos conegos que arrastam pelas ruas a gravidade e austeridade do seu mistér e se levantaram como agentes da reacção—a esses, detestamol os, odiamol-os, e, se for preciso, prégar-mos ao povo que faça elle, por suas mãos, plena e absoluta justiça.

(Do «Primeiro de Janeiro».)

XXXV

Excitar o tigre dos desertos da Heremia ou disputar a preza ao leão esfomeado é menos perigoso do que aticar o fogo mal extinto do barbaro fanatismo.

ANONYMO.

Tornemos agora a Isaac de York.

Montado sobre uma mula, com que Locksley o tinha presenteado, e acompanhado de dois altos *yeomen* que lhe serviam de guarda e de guia, o judeu encaminhara-se para o commendado de Templestowe, na intenção de negociar o resgate de sua filha.

(Continua.)

SCIENCIAS & LETTRAS

UMA AVENTURA

(EXCERPTO)

Aqui vai uma historia que tem as condicoes de qualquer aventura verdadeira — parece mentira; os amadores de casos historicos, todavia, podem entregar-nos sem escrupulo toda a sua confianca.

Levou um aeronauta, uma tarde, um só companheiro de viagem, pagára por quarenta libras a parte que lhe cabia nos perigos da expedicao. O tempo estava favoravel. O balão subiu rapidamente a uma grande altura.

— Que effeito lhe produz? perguntou o aeronauta ao seu companheiro. — Nenhum, respondeu este laco nicamente.

— Don-lhe os meus parabens! E' o senhor o primeiro que vejo chegar a uma altura semelhante sem se affligir, não é? perguntou o companheiro.

— Suba mais, disse o viajante. O aeronauta deitou fóra uma porção de lastro; o balão subiu cincoenta metros mais.

— E agora bate-lhe o coração? — Nada! respondeu o companheiro em tom impaciente.

— Diacho! O senhor realmente tem vocação para aeronautia!

O balão preparava sempre. A cem metros mais de altura, o francez interrogou pela terceira vez o companheiro.

— E agora?

— Nada! nada! Nem sombra de medo! resmungou o viajante como homem que passa por uma decepção.

— Pois, meu rico, não sei que lhe faça! disse o aeronauta rindo; tenho de renunciar ao prazer de lhe metter um susto. O balão chegou a uma sufficiente altura e vamos descer.

— Descer!

— Está claro. Haveria perigo em subir mais.

— Deixado o haver. Descer é que eu não quero! disse o viajante.

— Que? perguntou o aeronauta.

— Digo-lhe que quero subir mais, muito mais, incomparavelmente mais. Dei quarenta libras para ter sensações fortes, e não havemos de descer sem as sentir!

O aeronauta poz-se a rir, pensando primeiro que era graça.

— Quer subir ou não quer? perguntou o viajante, agarrando-lhe as goellas e sacudindo-o violentemente. Que fez vossê das minhas sensações? Ponha-me para aqui as minhas sensações, immediatamente.

Conta o aeronauta que n'esse momento se sentiu perdido. Léra uma novidade horrivel nos olhos esgazeados do seu companheiro de viagem: — estava a contá-las com um doido!

E vão lá convencer um doido, ou pedir auxilio ás nuvens!

Ainda, se o pobre homem tivesse uma arma, encontrava-se em legitimo caso de defeza, por fim de tudo; mas ninguem se previne com um par de pistolas para uma viagem de balão; não se esperam ruins encontros no meio dos astros!

A terra estava a quinhentos metros. Uma quéda medonha em perspectiva! E o menor movimento do doido podia fazer virar a barca.

O aeronauta, com o sangue frio que ganhara em muitas expedicoes audaciosas, fez todas essas reflexões no espaço d'um segundo.

— Ah! vossê cassôa comigo! proseguia o doido, apanhou-me as quarenta libras para não me dar sensações! Pois, eu agora é que me estou divertindo! Vossê é que ha-de pagar as duvidas!

O doido era dotado de uma força muscular prodigiosa; o outro não tentou mesmo defender-se.

— Que quer de mim, homem? perguntou-lhe em tom submisso.

— Quero vel-o dar uma cambalhota! disse o doido a rir. Mas primeiro (uma ideia pareceu sorrir-lhe) quero ir lá acima procurar sensações. Deixe pôr-me a cavallo no semi-circulo!

O doido designava com um dedo a parte superior do balão. Dizendo isto, poz-se a marinhar pelas cordas que prendiam o bote á machina aerostatica. O aeronauta, que não tremera por amor de si, não pôde deixar de estremecer por amor d'elle.

— O desgraçado, vai matar-se, terá uma vertigen!

— Não quero observações! redarguiu o doido, agarrando-lhe no pescoco. Senão atiro-o por ali fóra!

— Ao menos dê licença, deixe-me atar-lhe uma corda pela cintura para ficar preso ao balão.

— Vá lá! replicou o doido, que pareceu perceber a utilidade da precaução.

Feito isto, trepou o doido pelas cordas, leve como um cabrito. Chegou ao cimo do balão; pôz-se a cavallo, conforme disséra; soltou um grito de triumpho e tirou uma faca da algibeira.

— Que vai o senhor fazer? pergunta o aeronauta, receioso que elle queresse furar o balão.

— Pôr-me á vontade!

Em seguida, cortou a corda de segurança que o outro lhe atara. Se um pé de vento agitasse a machina, o infeliz iria voar no vacuo. O aeronauta fechou os olhos para não o ver. O doido batia as palmas, não cabendo em si de contente, e principiou a agitar as pernas, como quem mettia esporas ao balão.

— E agora, bradava agitando a faca, agora é que se vai ver! Ah! salteador, quizesse que eu descesse! E's tu que vae descer, bandido, e descer de catrapuz! Olha!

O aeronauta não teve tempo sequer de fazer um movimento, de soltar uma palavra. Antes de adivinhar a intenção infernal do doido, este, agil como um macaco, cortou tres, quatro... das cordas que tinham o bote suspenso. O barco inclinou horrivelmente, apenas preso a duas amarras, por um fio, como costuma dizer-se.

O que valeu ao aeronauta foi agarrar-se ás amarras que ficaram.

A faca do doido approximava as ultimas cordas; um momento mais, e estaria tudo perdido.

— Uma palavra! gritou o aeronauta.

— Nada! Ha de levantar a breca! vociferava o doido.

— Não é para pedir misericordia; ao contrario.

— Então que queres agora? redarguiu o doido admirado.

— N'este momento, estamos a uma altura de mil e quinhentos metros.

— Boa patiscada! dizia o doido rindo; ha de saber bem saltar de tão alto!

— E' muito baixo ainda!

— Que!? pergunta pasmado o doido.

— Tal qual. A minha experiencia tem-me ensinado que um salto d'esta altura nem sempre é mortal. Quéda por quéda, antes quero morrer do que ficar estropeado. Concede-me isto apenas, não me precipites senão a tres mil metros de altura; sim?

— Está dito! diz o doido, a quem a idea d'uma quéda mais aterradora sorriu gratamente.

Imediatamente o outro cumpre a sua promessa. Deita fóra uma quantidade de lastro immenso; o balão toma um poderoso impulso e sobe duzentos metros no espaço de alguns segundos.

Unicamente, e enquanto o doido observa esta operação com ar ameaçador, o aeronauta trata de executar outra em sentido contrario. Notara que entre as cordas que o doido havia deixado, estava a corda da valvula, adaptada na parte superior do balão para deixar sair o excesso do gaz hydrogenio. Formou o seu plano. Puxou a corda, abriu a valvula, e o resultado não se fez esperar. A pouco e pouco o doido adormeceu-se, asphixiado insensivelmente pelos vapores do gaz.

Assim que o viu sufficientemente asphixiado, o aeronauta deixou descer o balão.

Terminara o drama.

Chegados a terra, não conservou rancor ao doido; tratou logo de lhe restituir a vida, para o conduzir ligado de pés e mãos á auctoridade.

JULIO CESAR MACHADO.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que adiante publicamos sob o titulo — Almanak do Registo Civil — que todos devem possuir. Custa a insignificantissima quantia de 60 réis.

Exportação de vinhos para a Africa

A Associação Commercial de Lourenço Marques telegraphou á de Lisboa participando-lhe ter sido assignado o *modus vivendi*, com o que se mostra jubilosa, e pedindo a sua intervenção para advogar junto do sr. ministro da marinha a protecção do alcool indigena, promoção da exportação de vinhos e prohibição da exportação de prata para a provincia.

E' sem duvida uma boa noticia que damos aos vicultores.

O augmento da exportação de vinhos para a Africa póde minorar e muito a crise vinicola.

Os capitães de infantaria que no proximo anno não de ser chamados a tirocinio, irão fóra da 1.ª epocha, mas em maior numero, para a escola pratica de Mafra.

A planta da morte

Existe um pé d'esta planta no jardim d'acclimação de Philadelphia, que é oriunda dos arredores do vulcão de Java e de Sumatra. Este vegetal attinge a altura de 1,05 a 1,40; hastes delgadas, munidas de espinhos de 3 centímetros approximadamente; as suas folhas são cordiformes, avelludadas, de cor verde-claro na face superior, e cor de sangue com manchas cor de crema na inferior.

As flôres são grandes, brancas como leite, e o pedunculo tem espinhos longos e finos.

Esta flôr, notavelmente bella, tem uma particularidade, que consiste na exhalação constante d'um perfume venenoso, que anesthesia e mata o homem mais forte que o respire um instante; fulmina todos os insectos e animaes que d'ella se aproximem.

Férlas

A direcção geral de instrucção publica concedeu que as férias do Natal se prolongassem até 6 de janeiro proximo aos estudantes dos lyceus, escolas normaes e districtaes, academia polytechnica do Porto, escola polytechnica de Lisboa, etc.

Bodo aos pobres

Foi distribuido no dia de Natal por uma commissão de benefeitores um bodo aos pobres das duas freguezias. Conston de meio kilo de vacca, um arratel de arroz, uma quarta de toucinho e um pão de 40 réis.

O acto realizou-se no palco do Theatro Aveirense, assistindo a Philarmonica do Asylo-Escola e grande numero de curiosos.

São dignos dos maiores elogios os que se lembra n'estes dias festivos de socorrer a indigencia.

ALMANAK DO REGISTO CIVIL

(ILLUSTRADO)

Guia do Registo Civil

publicado pela benemerita Associação de Beneficencia propagadora da lei do Registo Civil.

Preço 60 réis

Guarnição militar d'Aveiro

Pela nova organização do exercito e além de Aveiro ficar sede de brigada, é-lhe dado um esquadrão de cavallaria, que brevemente terá a sua installação definitiva, bastando para isso, apenas, accrescentar o destacamento que cá está, até prefazer a conta, dizem-nos, de 150 praças. Cavallaria 7 fica em Almeida, tendo de fornecer para Aveiro um esquadrão permanente.

Noticias chegadas de Cabo Verde referem um valente feito de uma creanga.

Em 22 de agosto ultimo, estando duas rapariguinhas a banhar-se na praia do Sorno, foram arratadas pela corrente para fóra, e não tendo acudido ninguem aos gritos de socorro proferidos por uma outra creanga que se achava n'aquella praia, esta, desesperada por vêr que as creangas corriam gravissimo perigo, revestiu-se de extraordinaria coragem e resolutamente se atirou á agua sem fazer caso do risco que corria, porque, além d'um terrivel sorvedoiro que ha proximo, a bahia está sempre repleta de tubarões.

Nadando, conseguiu approximar-se da creanga que mais proxima estava de terra e pegando-lhe por uma orelha conseguiu salvar-a, conduzindo-a para a praia.

Depois mettu-se novamente á agua e dirigiu-se para o ponto—mais distante—onde a outra rapariguinha se debatia com a morte e fazendo esforços sobrehumanos teve que mergulhar tres vezes para a agarrar.

A pequena já não dava signal de vida, mas ainda assim o pequeno conseguiu conduzir o corpo inerte para terra, onde recuperou os sentidos depois de lhe terem ministrado os devidos socorros.

O heroe d'esta commovedora scena tem apenas 12 annos e chama-se Pedro Loff de Vasconcellos e é filho do sr. Pedro Loff de Vasconcellos.

Este facto foi communicado pelo capitão dos portos da provincia, sr. capitão-tenente Silva Ribeiro, ao governador da provincia, que fez publicar no boletim official uma portaria de louvor ao corajoso rapaz.

E' de suppôr que o governo o agracie com a medalha humanitaria.

Tem passado incommodada de saude, na sua casa d'Agueda, a ex.ª sr.ª D. Maria Augusta de Macedo da Camara e Motta, virtuosa esposa do sr. conselheiro Albano de Mello, a quem desejava rapido restabelecimento.

Moéda falsa

Conta o *Diario de Noticias* que o commandante da secção fiscal de Vinhaes, tendo denuncia de que em casa do parochia da freguezia de Edrosa existia uma porção de fazendas subtrahidas aos direitos, procedeu a uma busca, encontrando não as fazendas denunciadas, mas quatro fórmias em gesso do cunho de moédas falsas de níkel de 100 e 50 réis.

Foram apprehendidas as fórmias e o padre entregue ao poder judicial.

Provavelmente apurar-se-ha que as fórmias não passavam de brincadeira do padre ou de algum afilhado ou serviçal.

Morte causada por uma fortuna

Occorreu em Sevilha um caso bastante curioso.

Um industrial, de nome Amaro Gomez, dono de um estabelecimento de tabellas, teve a fortuna de possuir parte do bilhete com o nu-

mero da sorte grande da loteria de Madrid.

Para celebrar solemnemente este feliz acontecimento, andou o bom do homem por varias tabernas, bebendo á farta. A' uma hora da madrugada entrava elle n'uma taberna, onde tomou um grande copo de vinho: junto d'elle estavam a fallar uns tres individuos, um d'elles conhecido matador de touros.

Não se sabe ao certo como começou a contenda, mas o que é facto é que d'ali a pouco, cahiu o Amaro Gomez, banhado em sangue, com uma terrivel punhalada, de que lhe resultou a morte quasi instantanea.

A gente que estava na taberna fugiu espavorida e estabeleceu-se uma medonha confusão que permittiu ao aggressor pôr-se ao fresco.

Refugiou-se o assassino em casa, onde foi preso pelos agentes da auctoridade.

O assassino é um empregado da secretaria da Universidade de Sevilha.

As guarnições Inglezas

Dos 4:000 homens de que se compunha a guarnição militar de Douvres, ficarão simplesmente uns 500, logo que sigam para a Africa Austral as tropas d'aquella cidade que já estão indicadas para tal fim. Depois da batalha de Waterloo, nunca succedera facto analogo em Douvres. E o War-Office, que assim desgurnece de forças militares a Inglaterra, quando é certo que correm rumores de uma proximo insurreição irlandeza, é o mesmo que nos anda a querer convencer, por intermedio da sua imprensa, de que a guerra do Transwaal está aqui está a acabar, não devendo durar mais de tres mezes quando muito.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gamello

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs.

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

ANNUNCIOS

BREAK

VENDE-SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

VENDEM-SE

Uns ricos paramentos de missa, e outros mais ordinarios, mas em perfeito estado de conservação. Tambem se vende um missal e um calix, combinado.

A quem precisar dão-se esclarecimentos na redacção d'este jornal.

PUBLICAÇÕES

BIBLIOTECA HORAS ROMANTICAS O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores...

Cada vol. 100

NOVIDADE LITTERARIA O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, autor do QUO VADIS...

Preço 500 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora...

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez...

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, autor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda, o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria

MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARA E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passageiros em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe...

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias...

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83 (EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTIRA DO REPORTER

por JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

NOVIDADE LITTERARIA SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, autor do QUO VADIS?

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA Os Mystérios da Inquisição

por F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma...

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida...

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ARMAZENS

BEIRA-MAR

MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão...

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rium e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espinhosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria...

Louças de porcelana, quinquillarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

NOVA ALQUILARIA

MANUEL PICADO & PEREIRA (Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado. Rua da Alandega—AVEIRO

FERRAGENS

fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcóol, bróchas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercaderia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES AVEIRO

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás 3-45 m. (tram.) 5-51 m. 8-58 m.

De tarde ás 1-25 m. (tram.) 7-37 m. 10-5 m.

De Aveiro para o Sul

De manhã ás 6-49 m. 8-34 m. (rap.) 10-43 m.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B. — Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

Advertisement for Singer sewing machines, mentioning the exhibition in Lisbon and the location at Praça do Peixe.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qual quer outra para a engorda de porcos, gado, vacum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

Advertisement for Typographia, mentioning the quality of their printing and the location at Praça do Peixe.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

"O NORTE"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.